

Padre José Maurício

Odilon Nogueira de Matos

Assinala a data de hoje o sesquicentenário da morte do padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), o simpático sacerdote e compositor que viveu no Rio de Janeiro nos tempos de D. João VI e de D. Pedro I, exercendo as funções de Mestre-de-Capela da Corte brasileira, autor de numerosa obra, principalmente sacra, que faz dele, sem a menor dúvida, o maior músico brasileiro de seu tempo. Todavia, muito tarde se fez justiça e se reconheceram os méritos do genial compositor. Manda a Justiça que a este processo de reabilitação e de reconhecimento de José Maurício se associe o nome do Visconde de Taunay. A campanha que este eminente homem público e escritor empreendeu em fins do século passado em prol do compositor brasileiro traduz não apenas a mais legítima afinidade artística, mas também o mais sadio sentimento patriótico.

A transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro poderia ter aberto a José Maurício perspectivas que o acanhado meio colonial de antes não lhe propiciou, não fora a hostilidade que lhe votou Marcos Portugal compositor lusitano de real talento, sem dúvida alguma, mas espírito trabalhado pela inveja e pelo ciúme, que viu no músico brasileiro apenas um concorrente. O Visconde de Taunay narra o episódio do primeiro encontro dos dois músicos, nos aposentos da Princesa Dona Carlota Joaquina. Desafiado a tocar, de improviso, uma das mais difíceis sonatas de Haydn, com tal brilho se saiu o compositor brasileiro que provocou a maior admiração e especialmente o maior espanto em Marcos

Portugal, por encontrar no atrasadíssimo Brasil de então um músico de tal talento, e tão a par do que de mais moderno se editava na Europa.

A produção de José Maurício é enorme, como o demonstra o catálogo temático de suas obras, elaborado pela professora Cleofe Person de Mattos, diretora da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro, entidade que muito tem feito pela divulgação da obra do nosso compositor. Mas, infelizmente, muito pouco é o que dele se tem gravado: três missas e algumas peças sacras menores e duas ou três obras orquestrais não religiosas. De sua Missa de Réquiem, escrita especialmente para os funerais da Rainha D. Maria I, dizia o Visconde de Taunay que lhe fazia lembrar o famoso Réquiem de Mozart. Durante muito tempo tomei tal afirmação como exagero, talvez simples "patriotada" do grande autor de "Inocência". Todavia, uma gravação integral da obra, que me permitiu conhecê-la bem, fez-me dar razão a Taunay. Não diria apenas que lembra o Réquiem de Mozart (aliás, inacabado, como é sabido), mas que a obra de José Maurício, pode emparelhar-se, sem favor algum, com as maiores obras do gênero já produzidas em todos os tempos.

Não sei se as entidades culturais de Campinas, especialmente as vinculadas à música, estão planejando para este ano qualquer homenagem ao genial compositor, cujo sesquicentenário de falecimento hoje se comemora, mas será uma lacuna imperdoável se a efeméride passar em branca nuvem. Estes simples rabiscos visam modestamente a recordá-lo.

"Correio Popular" 18-IV-1980